

**TRAJETÓRIA, SUBJETIVIDADE E EMPODERAMENTO:
A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DA MULHER DO CAMPO DIANTE
DO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL**

**Keiter Sane Kuhnen¹
Márcia Fuchter²**

RESUMO

É de fato importante frisar a presença da mulher agricultora diante do desenvolvimento rural. Através de tantas lutas e poucas conquistas, as mulheres no meio rural, vão aos poucos conquistando seu espaço e sua visibilidade, ressignificando seu contexto. O objetivo central deste estudo consiste em compreender a construção da subjetividade destas mulheres agricultoras, resgatando seu papel diante do desenvolvimento rural, averiguando em como ela lida com este processo, qual sentido é dado por ela referente ao contexto em que vive e os desafios enfrentados na busca pelo empoderamento. A pesquisa se deu através do paradigma qualitativo alinhado a um questionário semiestruturado. Sua análise foi focada nos núcleos de significação, possibilitando que a pesquisa absorva todos os dados apresentados pelas mulheres agricultoras. Com tudo se compreendeu que as mulheres agricultoras possuem características de empoderamento, que reivindicam melhorias para seu trabalho, mesmo perpassando por padrões tradicionais de caráter de submissão e poder. Porém, lutam para expandir seu conhecimento, se colocando como importantes para o desenvolvimento rural, movimentando e recriando sua subjetividade diante do seu contexto.

Palavras-chave: Mulheres agricultoras, Subjetividade, empoderamento, Desenvolvimento Rural.

ABSTRACT

It is important to stress the presence of women farmers in the face of rural development. Through so many struggles and few achievements, women in rural areas have gradually gained their space and their visibility, resignifying their context. The central objective of this study is to understand the construction of the subjectivity of these women farmers, rescuing their role in the rural development, investigating how it deals with this process, what sense is given by it regarding the context in which it lives and the challenges faced in the search for empowerment. The research was done through the qualitative paradigm aligned to a semistructured questionnaire. Her analysis was focused on the nuclei of meaning, allowing the research to absorb all the data presented by women farmers. It was understood that women farmers have characteristics of empowerment, which claim improvements for their work, even through traditional patterns of submission and power. However, they struggle to expand their knowledge, placing themselves as important for rural development, moving and recreating their subjectivity in their context.

¹ Aluna Bolsista do Programa UNIEDU, Pós-Graduação do Curso de Desenvolvimento Regional Sustentável, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI/SC – E-mail: keitersanekuhnen@yahoo.com.br

² Professora do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI/SC.

1 INTRODUÇÃO

O conceito inicial do desenvolvimento esteve embasado nas questões econômicas, e por outro lado, ele vem se moldando para uma dimensão social, política e meio ambiente. Ele está em constante mudança. Há diversas barreiras para que uma sociedade de fato alcance seu desenvolvimento. É através dessas barreiras que se pode compreender que os verdadeiros avanços no desenvolvimento rural só poderão ser alcançados se todos os grupos do campo possam participar dele e usufruírem da qualidade de vida que os recursos deste espaço oferecem para os demais (STADUTO, SOUZA, NASCIMENTO, 2015).

Desde o início a Região onde hoje está o Alto Vale do Itajaí, teve como principal atividade econômica, a agricultura. Esta apresenta características produtivas que tem papel importante para o desenvolvimento da Região. Segundo Klug, Dirksen (1999), o Município de Rio do Sul, foi se destacando na região, devido à qualidade de seu solo, desenvolvendo a agricultura de forma exemplar. Mesmo com a vinda de indústrias antes e depois de sua emancipação política, estas estavam ligadas à agricultura e as demais não tinham muita relevância. Foi a agricultura que impulsionou o Município de Rio do Sul a ser hoje cidade polo da Região do Alto Vale do Itajaí.

A pesquisa busca compreender a construção da subjetividade destas mulheres agricultoras, resgatando seu papel diante do desenvolvimento rural, averiguando em como ela lida com este processo, qual sentido é dado por ela referente ao contexto em que vive e os desafios enfrentados na busca pelo empoderamento. Para Bourdieu (2002) a mulher sempre foi vista relacionada diante da dominação masculina e a sua submissão a ele, e é uma questão intrigante, pois predominam ainda muitos destes aspectos nas interações com as mulheres. E é neste contexto que esta pesquisa busca analisar a mulher agricultora.

Ressaltamos que para esta análise, a pesquisa está pautada pelo método qualitativo, embasado em instrumentos que possibilitam averiguar todos os aspectos apresentados por estas mulheres, aspectos estes divididos em núcleos de significação, para que os dados possam ser analisados de forma coerente e de acordo com o referencial teórico apresentado, alinhados com as questões metodológicas e a ética.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 CIDADE E CAMPO: CONSTITUINTES HISTÓRICOS DO DESENVOLVIMENTO RURAL

A perspectiva do desenvolvimento envolve diversos tópicos em seu processo. Buscar apreender o tema dentro de suas características mais gerais exige um complexo aprofundamento do tema. Favareto (2007), enfatiza que o tema deve ser entendido como um processo evolutivo de arranjos determinados, investigando seu alinhamento com as instituições, meio ambiente e os pilares sociais. Vale ressaltar que o pensar a ruralidade atualmente sem um conceito mais elaborado, pode ser um complicador do modelo atual dos focos rurais. O mesmo autor afirma que o momento atual fomenta uma nova etapa em todo processo de desenvolvimento rural. Os espaços rurais se alinham a uma engrenagem de processos, focado em diversos nichos de mercado.

Assim o delinear desta nova etapa, está vinculado a uma perda de conteúdo entre o rural, urbano, meio ambiente e as pessoas, quebrando certos paradigmas que predominavam sobre o rural nos últimos tempos. (FAVARETO, 2006)

Quando se volta para questões históricas, foi entre os séculos XVIII e XIX, na Europa que ocorreu a primeira revolução agrícola, originando-se através do desencadeamento de diversas crises sociais e econômicas, trazendo o fim do feudalismo e fortalecendo o movimento do capitalismo.

Já entre os séculos XIX e XX, com o avanço das tecnologias, evidenciou-se um novo degrau para a agricultura, impulsionando seu desenvolvimento. Com este progresso foram surgindo novas formas de cultivo, diferentes produtos químicos, máquinas, implementos entre outros. E a partir deste passo que as preocupações com o meio ambiente começaram a surgir. (MAIA, FILIPPI, RIEDL, 2009)

Ao abordar a ideia referente ao desenvolvimento rural sustentável, é necessário de fato uma reflexão complexa. Segundo Almeida, Navarro (1998) tal conceito pode ser analisado em diferentes concepções. Diante das configurações históricas, o mesmo autor retrata o desenvolvimento sustentável como um “potencializador de esquemas” de desenvolvimento, onde estes satisfazem a necessidade da geração presente, sem comprometer as gerações futuras. (ALMEIDA, NAVARRO, 1998:22).

Diante do processo degradador do meio ambiente, o surgimento das crises, crescimento da população e a apropriação da natureza como fonte do capitalismo, começa surgir então o conceito do desenvolvimento sustentável. Como já mencionado, entre os séculos XIX e XX, a partir do momento em que o capitalismo começa a ser desafiado com alternativas de desenvolvimento em outras áreas (não somente nas questões econômicas), começa a surgir então as ideias entorno do desenvolvimento rural sustentável. (ALMEIDA, NAVARRO, 1998).

Quando se retrata os ideais desenvolvimentistas, fica evidente que tais ideais analisam a possibilidade de elevar incansavelmente os padrões de riqueza e bens materiais. O mesmo autor enfatiza que é sabido que a sociedade aspira o desejo constante de crescimento de sua economia. No entanto, diante de uma crise na década de oitenta e as reflexões entorno do meio ambiente, estendeu-se uma crítica visã de que o capitalismo estava deixando à margem outras questões importantes diante de seu processo econômico. (ALMEIDA, NAVARRO, 1998).

As crises ambientais, segundo os mesmos autores, econômicas e sociais que assolam o século XX, que contribuíram para um novo olhar para as questões do desenvolvimento. É diante deste aspecto que o desenvolvimento aparece com a ideia de melhorar a qualidade de vida das pessoas, havendo a racionalidade e a harmonia nos processos, sendo as pessoas, da sociedade em geral, também responsáveis pelo desenvolvimento.

Favareto (2007) relata um ponto importante, diante de todos os aspectos históricos diante do desenvolvimento rural. Apesar da importância que têm as cidades, o meio rural por muito tempo na história esteve como foco principal. Mesmo que se mostre um domínio da cidade sobre o meio rural, se indica com clareza a dependência urbana em consonância com a dinâmica econômica da agricultura.

Diante de todo processo de desenvolvimento rural, não se pode deixar de frisar neste contexto, os efeitos da globalização. Segundo Maia, Filippi, Riedl (2009), a globalização na agricultura se apresenta de forma camuflada, porém, impondo novos jeitos de fazer no campo. E com esta forma de estabelecer tais ações, é que surgem as atividades não agrícolas no meio rural.

É importante frisar aqui este transbordo do urbano sobre o rural, pois este processo está presente no modelo atual de ruralidade. Para alguns, este processo significa a falência da agricultura tradicional, para outros esta diversidade não seria uma prática estranha e sim um mecanismo de manutenção das famílias do agricultor. (ALMEIDA, NAVARRO, 1998).

Com toda esta riqueza de informações, é importante olhar a agricultara com as lentes da etnografia. Diante de todo processo do desenvolvimento rural, se faz necessário manter a história, a cultura dos povos e das regiões, as formas de relação entre os agricultores e a sua organização:

“A tradição e a história têm permitido construir culturas que incorporam cosmovisões particulares, linguagens, formas de relação, valores estruturados entorno de uma moral, princípios étnicos, sentido de participação e identidade. A visão territorial propõe revalorizar esses elementos, dando-lhes espaço adequado e incorporando-os às políticas de desenvolvimento rural, fortalecendo, protegendo e preservando culturas”. (MAIA, FILIPPI, RIEDL, 2009: 197).

Por tanto o que define o rural e o urbano, estão embasados em algumas variáveis. Para Kageyama (2003) atualmente há uma conexão entre ambos, onde urbanos procuram o rural e vice e versa. Há uma teia diferenciada de atividades e ações que contornam os aspectos econômicos, trazendo o rural como multissetorial e hoje não há mais um isolamento absoluto entre as áreas rurais e urbanas.

2.2 UM OLHAR SOBRE O GÊNERO: MULHER, TRAJETÓRIAS E SUBJETIVIDADE

Se faz necessário retratar aqui a mulher em todas as suas esferas, sejam elas, social, psicológica ou política, posicionando-as na linha histórica. Beauvoir (1980) repercute em todo mundo com sua obra, referente a expansão da consciência feminina, fomentando também o fim de certos mitos entorno da feminilidade. Permite reflexões atuais referentes a posição tanto feminina quanto masculina. Diante da proposta deste trabalho, a mesma autora fornece conteúdo importantíssimo acerca das mulheres, trazendo toda sua trajetória histórica. Pode-se apreender aqui os fatores relacionais das mulheres agricultoras embasadas em suas trajetórias de vida e interpretar os sentidos que elas mesmas dão em ser mulher, em ser mulher agricultora hoje.

Para Beauvoir (1980), a definição de gênero e o seu alinhamento ao sexo, questiona a concepção do ser mulher, uma vez construída e determinada diante da concepção de homem. Através deste ponto de vista, se apreende que a mulher ao longo do processo histórico se define apenas com a relação ao outro (homem), fato este, intrínseco na cultura e na forma de pensar dos seres humanos. É com esta perspectiva que a autora afirma que a mulher aparece na história como o outro, construída a partir do oposto do homem e concebida como dependente e submissa a ele. Todo este desenrolar sobre as diferenças entre homem e mulher, ao longo da história foram usadas, interpretadas e reinterpretadas, pela sociedade, sendo que muitos destes aspectos repercutem até hoje, mesmo depois de muito espaço conquistado.

Fica claro para Beauvoir (1980), que a condição da mulher deve ser vista além de seus padrões biológicos e fisiológicos. O corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa no mundo de hoje, porém, não é ele que tampouco basta para defini-la. A mesma autora procura uma visão mais global da mulher na história. Ela perpassa por um olhar do materialismo histórico, situando os seres humanos na sociedade, bem como é enfatizado as diferenças corporais entre homens e mulheres neste mesmo contexto, onde o homem tem poder de transcender e a mulher permanece à margem, demonstrando sua fragilidade.

Para outros autores como Scott (1995), o termo gênero, também é utilizado para elencar entre os sexos, as suas relações sociais. Relações estas que por vezes, rejeitam as explicações biológicas, principalmente aquelas afirmações comuns em relação a subordinação e a fragilidade feminina. O termo gênero pode ser visto também como uma ferramenta de construções culturais que formulam quais seriam os possíveis papéis dos homens e das mulheres na sociedade, ou seja,

Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. Gênero é segundo esta definição uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] gênero tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática social dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995:75).

As teorias do patriarcado por exemplo, olham para a subordinação da mulher, bem como para a necessidade que os homens tinham na dominação sobre as mulheres, que no qual, por muito tempo se vislumbra a paternidade e se escondia o esforço e a realidade social das mulheres entorno da maternidade. Scott (1995) ressalta ainda que a “fonte para a libertação das mulheres, reside em uma compreensão adequada do processo de reprodução, numa avaliação das contradições entre a natureza do trabalho reprodutivo [...] e a mistificação ideológica (masculina) deste.(SCOTT, 1995:77).

As relações de poder estão também atreladas às significações dadas ao gênero. “O gênero é um campo primário, no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995: 88). Diante destes aspectos as questões de gênero estão também para uma percepção de vida social que estabelece e distribui o poder.

Partindo destas análises, enfatiza-se aqui um tópico muito importante, que vem sendo usados em todas as esferas das ciências sociais, a subjetividade. É um complexo processo de significação e sentidos, que são produzidos através de nossas vivências, construídos tanto individualmente, quanto socialmente. (REY, 2002).

É neste sentido que se pode afirmar que o ser humano é subjetivamente constituído e singular: “A subjetividade é um sistema processual plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível a qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito (REY, 2003:37).

De acordo com o mesmo autor, o ser humano é a síntese subjetiva de sua história pessoal, e é na sociedade que se desenvolve, que cresce, lugar onde produz seus “sentidos e significações”. (REY, 2003:38). Diante destas afirmações que até aqui foram apresentadas,

envolvendo a mulher e a constituição da subjetividade, não podemos separar deste contexto o que Heller (2000) afirma em suas colocações, que o ser humano é partícipe do cotidiano e é nesta relação que ele movimenta seus sentimentos, ideias e escolhas.

2.3 EMPODERAMENTO DA MULHER DO CAMPO: AS RELAÇÕES DE PODER E O DESENVOLVIMENTO RURAL

Quando se propõe trazer um conjunto de significações histórias, experiências vividas e a subjetividade das mulheres rurais, é importante considerar aspectos teóricos relativos ao seu empoderamento diante da sua trajetória histórica e como ela está inserida em todo processo de desenvolvimento rural.

Esta perspectiva permite um olhar amplo em relação a estas mulheres e do contexto que estão inseridas. Para Staduto, Souza, Nascimento (2015), o empoderamento das mulheres está alinhado à expansão de oportunidades, exercitando sua liberdade e favorecendo sua qualidade de vida. Para os mesmos autores, os fatores históricos e sociais são implicadores no processo de empoderamento feminino no meio rural. A participação das mulheres do campo em tomadas de decisão e a sua participação na sociedade se torna superficial e pouco transformadora diante de todo seu processo histórico.

A invisibilidade das especificidades que envolvem ainda o universo homem e mulher, é um fator que impede a total quebra da imagem predominante do homem como paradigma que ainda insiste em idealizar a imagem da mulher do campo. (CARNEIRO, TEIXEIRA, 1995).

O desenvolvimento rural, a modernização da agricultura e as novas atribuições tecnológicas, tornaram possível a complexidade das produções do campo. Para Brumer (2004), em alguns casos essas grandes transformações possibilitaram que muitos proprietários conseguissem trabalhar, usando toda a sua terra, implicando na intensificação das atividades, agregando às mulheres, além do trabalho doméstico, também os cuidados com a lavoura.

A imagem da mulher rural e seu empoderamento diante da história pode ser construída a partir da independência econômica, a busca pelas transformações sociais e políticas. Porém, para Carneiro, Teixeira (1995), todo esforço em tornar visível a participação da mulher de forma efetiva na produção e as suas identidades sociais, ficam condicionadas ao conteúdo falado e atribuídos pelos agentes sociais. Percebe-se que a trajetória das mulheres no meio rural não é linear, neste está embutido os processos de aceitação de si mesmas e da submissão. Esses

aspectos estão presentes em seu contexto histórico, no seu cotidiano e no próprio desenvolvimento rural. (CARNEIRO, TEIXEIRA, 1995).

Impossível delinear todo este processo de desenvolvimento e empoderamento, sem analisar as relações de poder atreladas a este contexto. Foucault (1979), transmite em suas formulações, que a produção de poder está atrelada ao processo de produzir saber. E é no meio da sociedade que existem muitas formas de exercê-lo, bem como no meio rural.

O poder é efetuado pelo homem dentro de suas relações, ação esta que perpassa o social e atinge a todos. O poder é individual através do homem e é constituído através das relações. Com isso é possível compreender os deslumbramentos das relações de poder que estão dissolvidas na história das mulheres agricultoras. (FOUCAULT, 1979).

Neste sentido as relações de poder, estão correlacionadas à dominação masculina, na sua forma de imposição:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, invisível a suas próprias vítimas que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação [...]. (BOURDIEU, 2002: Preambulo).

Para Ferreira (2008), as palavras também exercem poder, os que falam sob os que escutam, acreditam e obedecem. A essência do poder das palavras se situa na sua aplicabilidade diante do discurso de quem os dá. Diante deste argumento, se organiza uma falácia, onde os indivíduos confirmam verdades sobre outros indivíduos, e se por ventura houver críticas, podem ocorrer castigos.

O poder das palavras se exerce tão-somente sobre aqueles que se sentem dispostos a executá-lo, em síntese, a nele crer. Crer – crede – significa crer, mas também obedecer. [...] Organiza-se uma utopia “degenerada”: os mesmos confirmando verdades, sobre e para os mesmos. Toda crítica será “castigada”, com um preço a pagar: dissolução do grupo, fissão, fratura. (FERREIRA, 2008:130).

Bourdieu (1999), estabelece em suas reflexões sobre a dominação masculina, os valores pressupostos ao senso comum, que são canais indutores de preconceitos e rotulações cristalizadas na vida em sociedade. O mesmo autor chega a questionar, porque as relações de poder e de dominação, cultivam-se tão rapidamente, sendo aceitas e naturalizadas pela sociedade em geral.

Trazendo os questionamentos acima e aspectos da ruralidade e da mulher na agricultura, desde os anos sessenta que a agricultura brasileira vem passando por um processo complexo

diante da modernização de técnicas e industrialização. É neste período que vem se definindo valores e papéis dos envolvidos com o meio rural, bem como acendendo reflexões entorno do papel feminino no campo. Através da luta pela reforma agrária e por melhores condições de vida, preços justos e um espaço de cidadania, iniciou-se a mobilização das mulheres agricultoras. Como afirmam Staduto, Souza, Nascimento (2015), desde os anos 80 as mulheres do campo vêm buscando sua organização, porém, não houve grandes mudanças. Para muitos o trabalho das mulheres no campo ainda é visto como uma continuação de suas obrigações como donas de casa. (STADUTO, SOUZA, NASCIMENTO, 2015).

Brumer (2004) ressalta ainda que dificilmente as mulheres agricultoras herdavam terras, a não ser que se casassem com agricultor. Caso contrário recebia apenas um enxoval. Já os homens, conforme iam crescendo, os pais já procuravam compartilhar suas terras aos seus filhos. Como já mencionado, na década de oitenta, foram registrados movimentos de mulheres agricultoras. E foi com a constituição de oitenta e oito, que as mulheres rurais garantiram benefícios importantíssimos para seu cotidiano. Tais conquistas favoreceram para fortalecer a luta por uma maior equidade, melhorias sociais e econômicas.

Apesar de todas as conquistas alcançadas até aqui pelas mulheres agricultoras, ainda não se transformou em mudanças reais e efetivas. Diante do olhar para o trabalho rural feminino, a ideologia patriarcal deixa ainda marcas evidentes nos dias atuais. Ainda há um número considerável de mulheres agricultoras sem remuneração, que vem ao encontro destas preocupações. Vale salientar que o gênero alinhado ao desenvolvimento rural, é concebido diante de um processo de relações sociais, econômicas e culturais. Por esta razão, se faz necessário apreender todos os aspectos das condições das mulheres no mundo rural. O que de fato é de interesse e o que é necessário ao gênero diante do desenvolvimento rural. Os interesses das mulheres agricultoras condicionam as suas necessidades, e as necessidades podem fortalecer seus interesses e estes são fatores importantes também para o desenvolvimento rural. (STADUTO, SOUZA, NASCIMENTO, 2015).

Diante de toda luta das mulheres agricultoras, vale frisar que suas conquistas foram e são fatores importantes em todo processo de desenvolvimento rural. Seus papéis, seus valores não podem ser deixados de lado neste processo, pois a importância da mulher para o desenvolvimento rural vai além de suas atividades agrícolas. Para Carneiro, Teixeira (1995) existe uma especificidade em relação a mulher do campo, onde sua imagem, é sem dúvida ligada a projetos, e há um consenso neste sentido, pois ao longo da história suas lutas sofreram variações, porém, tiveram sua importância em todo processo de desenvolvimento rural.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 MODALIDADE DA PESQUISA

O psicólogo ao dirigir uma pesquisa, precisa compreender que está trabalhando com seres humanos, principalmente quando se trata de estudos que cunho social. É por esta razão que o pesquisador precisa expandir seu olhar e buscar um diálogo com outros saberes para que se possa facilitar e mediar a compreensão entorno do objeto de estudo. Exatamente por este estudo apresentar categorias de análise inerentes aos aspectos plurideterminados, bem como trajetórias históricas existentes na subjetividade, esta pesquisa adota o paradigma qualitativo, por estar alinhado epistemologicamente com os objetivos propostos na mesma.

Para Rey (2002), a pesquisa qualitativa possibilita maior intensidade na produção de conhecimento, pois ela contesta a ciência positivista, que por tempos foi foco predominante diante de toda trajetória histórica do pensar em um método qualitativo. É através dos pressupostos qualitativos que se torna possível compreender que a busca pelo conhecimento não pode ser generalizada diante dos fatores específicos coletados nos estudos. Diante deste olhar, é que Rey (2002) abre a discussão em relação as ciências naturais e sociais, tornando possível o entendimento das diferenças entre os métodos qualitativos e quantitativos.

O mesmo autor deixa claro que a pesquisa qualitativa, é uma constante produção de conhecimento, e é este fator que torna possível que a pesquisa vá além, permitindo deste modo, abranger ferramentas para a investigação da subjetividade. Subjetividade esta que é parte integrante e constitutiva do ser humano, que está em constante desenvolvimento, capaz de criar permanentemente processos culturais e sociais.

Diante dos tópicos relacionados até aqui, vale salientar que para Rey (2002), as diferenças entre os métodos qualitativos e quantitativos são epistemológicas e não metodológicas. Este mesmo autor agrega tal fato às novas perspectivas de conhecimento na psicologia, como a subjetividade, por exemplo, que ocorre num processo dialógico e complexo, envolvendo pesquisadores e pesquisados, quebrando aspectos positivistas em pesquisas. Quando se pensa na realidade focada na teoria, faz-se necessário refletir sobre a relação do teórico com o empírico. Esta relação não é finalizada, ao mesmo que é contraditória e aberta, é uma relação que merece extrema atenção do pesquisador, pois “o momento empírico é fonte de novos fenômenos” (REY, 2002, p. 63).

É fato que a modalidade de pesquisa apresentada aqui, condiz epistemologicamente, com os objetivos a serem alcançados, pois este método possibilitará abrir possibilidades diferentes, concretas e científicas de compreensão acerca da complexidade da subjetividade de mulheres agricultoras e fornecerá meios para elaboração de novas formas e jeitos de se construir conhecimento. É importante ressaltar que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Centro Educacional para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, através da Plataforma Brasil, com número do CAAE 11979019.9.0000.5676, com parecer de aprovação nº 3.332.486

3.2 CONTEXTO, AMOSTRA E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O Município de Rio do Sul, está refletido sobre a trajetória de seus imigrantes, que desbravaram a região e contribuíram para a colonização e o desenvolvimento da Capital do Alto Vale do Itajaí. Rio do Sul é uma cidade de cunho urbano, com características interioranas, que possibilita tanto a vinda de empresas, quanto a tranquilidade do campo. (KLUG, DIRKSEN, 1999).

Atualmente possui uma população estimada de 70.100 habitantes, com um IDH de 0,802. Possui uma extensão territorial de 260,817 km², e dentro deste contexto possui 16.459,953 hectares de áreas disponibilizadas para estabelecimentos agropecuários. (IBGE, 2010).

A Diretoria Executiva de Agropecuária do Município de Rio do Sul, reúne-se semanalmente com mulheres agricultoras e de acordo com um pré-contato, estes encontros tem foco em diversas ações (Conversas, cursos entre outros). Atualmente este grupo possui participação de 20 mulheres, sendo 12 agricultoras.

O contato inicial com a Direção Executiva de Agricultura foi realizado para assinatura do termo de autorização para realização da pesquisa, que no qual foram muito solícitos. Ficou estabelecido um contato prévio com as investigadas, onde observamos o seu contexto, tivemos uma conversa informal. Lembrando que antes do contato inicial com as agricultoras realizamos uma conversa com a coordenadora do grupo. Inicialmente nossa intenção era aplicar a entrevista e gravá-las com as 12 agricultoras, porém, devido a ausência de algumas agricultoras nos encontros, em função de outra atividade, não foi possível realizar a entrevista. Desse modo, analisamos 6 agricultoras, onde utilizamos o questionário semi-estruturado para facilitar a coleta dos dados neste momento. As questões que foram elaboradas com base na literatura utilizada e para o alcance dos objetivos propostos. Como se propõe em analisar os dados em

forma de núcleos, as participantes receberão nomes fictícios para evitar qualquer tipo de constrangimento. O questionário e o termo de consentimento livre e esclarecido foram entregues em um dos encontros e orientadas em seu preenchimento.

Acreditamos que a contribuição das agricultoras que aderiram a pesquisa, nos possibilitou no alcance dos objetivos, não comprometendo a mesma, pois o discurso de um sujeito, pode representar um coletivo, podemos identificar através dele expressões importantes, tornando visível uma representação social (Lefevre, 2006).

4 RESULTADOS

De acordo com os instrumentos adotados nesta pesquisa para a aquisição dos dados, a análise foi feita em torno da distribuição do questionário. Portanto, utilizamos para o procedimento da análise dos dados “núcleos de significação”, ou seja, organizamos as respostas das investigadas em núcleos que por sua vez foram formados de acordo com as expressões das mesmas, sendo elas relevantes ou não, podendo estas gerar emoções e ou sentimentos que vieram a ser importantes para a investigação.

Aqui coube à pesquisadora mergulhar em todos os aspectos que apareciam, para serem agregados aos núcleos, onde cada um deles esteve intimamente interligado aos pontos da pesquisa, sendo que estes foram orientados pelos objetivos propostos aqui. Como ressalta Aguiar (2001), cada nome dado ao núcleo já revela uma interpretação do pesquisador.

Dentro deste processo, coube à pesquisadora no momento de analisar os núcleos, estar fazendo uma conexão entre as respostas dadas pelas agricultoras, com sua história, sua subjetividade, transparecendo assim as contradições, relações, demonstrando a realidade vivenciada por elas trazendo à tona suas representações do seu cotidiano diante do processo de desenvolvimento rural.

Para Aguiar (2001) para trilhar este percurso, possibilitamos uma explicação capaz de ultrapassar a aparência dos fatos, de ir além das significações expressas pelos sujeitos. Lembramos que todo este processo de organização e análise dos dados, não foi fragmentado, ou seja, foram analisados em um conjunto e vistos e compreendidos num processo.

4.1 FUNÇÕES E PAPEIS TRADICIONAIS: FAMÍLIA E ATIVIDADES COTIDIANAS

Muitas ações e escolhas, estão relacionadas a todo um contexto histórico destas mulheres. Há a permanência de certas características em seus papéis tradicionais, que para elas se tornam importantes. A expressão do cuidado, do afeto, das atividades da casa, a família, se tornam expressões de poder diante de seus papéis.

- *“Sou importante, porque sou exemplo para minha família, para que eles aprendam a enfrentar os problemas e seguir em frente”. (Maria³)*
[...]*Mulher tem um grande potencial dentro de cada família. (Ingrid)*

Muitas trazem valores e estes ficam embutidos em suas representações. Compreendemos que cada uma é autora e coautora de sua trajetória, no qual busca delinear seu projeto de vida. Assim, o ser humano constitui-se numa forma global, através de suas escolhas e, historicamente construído dentro de um processo de desenvolvimento que está em constante mudança, ou seja, não é linear, e sim subjetivo.

- *“Acordar cedo é o principal, cuidado da casa, trato os bichos, programar o que vai plantar para depois colher”. Em certos pontos a mulher é mais presente, tem mais trabalho, os afazeres da casa.(Sara)*
- *“A rotina do trabalho é bem corrida, é atender os filhos, casa, roupas, ajudar na lavoura[...]. (Cora)*
- *“Temos ovelhas cabritos, coelhos, galinhas, gansos, gado e cachorro. 1º eles alimentar e cuidar, 2º lavoura, 3º casa, 4º artesanato. (Sonia)*

Como deixamos claro no referencial teórico, fica evidente que a modernização da agricultura a tornou mais complexa. Brumer (2004) evidencia que tais mudanças intensificaram também as atividades das mulheres agricultoras, porque além do trabalho doméstico agregam os cuidados com toda a propriedade (lavoura).

4.2 A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER AGRICULTORA

Vemos no referencial teórico que os fatores históricos e sociais são implicadores no processo de empoderamento das mulheres agricultoras, Para Staduto, Souza, Nascimento (2015), as ações das mulheres no campo e sua participação na sociedade de modo geral se torna invisível e pouco foco na transformação, diante do seu processo histórico.

- *“[...] a mulher faz a frente e o homem leva a fama. Homens e mulheres participam igualmente da vida na agricultura? [...] no geral até participa, mas, o homem leva sempre a fama. (Ingrid)*

³ Todas os nomes mencionados neste artigo são fictícios).

Segundo Carneiro, Teixeira (1995), a invisibilidade que assola as ações das mulheres do campo, é um fator que muitas vezes impede a ruptura da visão predominante do homem, visão esta que ainda idealiza a imagem da mulher agricultora.

Beauvoir (1980) deixa claro que há no decorrer dos séculos, a criação de mitos em relação às mulheres e conceitos referentes à condição feminina permanecem atuais.

- “Cada um faz sua parte, dividimos por atividades, os pesados o marido, os leves a esposa. (Maria)
- “[...] falta de condicionamento físico e a força [...] há coisas pesadas. (Sônia)
- “Em algumas famílias homens e mulheres não participam igualmente da vida na agricultura. (Cora)

É necessário refletir que a condição da mulher na agricultura deve ser vista além de seus padrões biológicos. Beauvoir (1980), afirma que o corpo frágil da mulher é um elemento que fomenta sua ocupação na sociedade, porém, ele não pode ser o único aspecto a defini-la.

4.3 A MULHER NO DESENVOLVIMENTO RURAL: EMPODERAMENTO?

Aqui se pode enfatizar a subjetividade destas mulheres agricultoras. Elas lidam com um processo complexo de vivências, significações que são constituídos em seu dia a dia. É possível verificar nos núcleos anteriores, valores e percepções tradicionais.

Porém, vemos interesse e vontade de serem importantes para o processo de desenvolvimento rural. Para Rey (2003), é neste processo complexo que o ser humano é subjetivamente constituído, está em constante desenvolvimento, onde suas escolhas e opções estão suscetíveis ao momento presente.

- “As mulheres são ativas e muito importantes [...] são organizadas, inovadores e importantes no auxílio das tarefas. A agricultura está sempre evoluindo, precisando mais incentivo ao pequeno agricultor. (Cora)
- “A mulher do campo no passado era restrita aos cuidados do lar e da família, eram pouco valorizadas. Hoje não, são trabalhadoras, produtoras e capazes de contribuir e participar tanto da produtividade e perante a sociedade. [...] hoje no campo não existe mais área restrita às mulheres”. (Marta)
- “Mulher está à frente de qualquer problema. Mulher é um esteio”. (Sara)

O ser humano é o resumo de sua história, é na sociedade que ele cresce e fomenta seus sentidos e vai dando significado a sua vida. A constituição de sua subjetividade está ligada ao seu cotidiano e é nesta engrenagem que ela movimentada suas escolhas. (HELLER, 2000). Diante do contexto que elas estão inseridas, é possível perceber que buscam meios e pensamentos que promovam sua independência. É de fato certo que o empoderamento das mulheres do campo

está alinhado ao aumento de oportunidades dadas a elas, para que possam usufruir de uma qualidade de vida. (STADUTO, SOUZA, NASCIMENTO, 2015)

Apesar das respostas acima darem ênfase para a importância da mulher para o desenvolvimento rural, ainda há um esforço para a busca de maiores oportunidades e políticas públicas.

- “Precisamos de mais cursos, palestras e incentivos, promoção de encontros de lazer (Cora).
- “Planejamento pessoal, motivação e qualidade de vida” (Marta).
- “Precisamos de cursos de aperfeiçoamento, ir atrás de mais conhecimento (Sônia).
- “Ações de prevenção de doenças e mais lazer” (Maria)

O empoderamento da mulher do campo pode ser construído a partir de sua busca pela independência, pela busca de mais conhecimento. E este processo de transformação está intimamente ligado às mudanças sociais e políticas. Como afirma Carneiro, Teixeira (1995), a participação efetiva das mulheres no desenvolvimento rural está condicionada às atribuições dadas pelos agentes sociais, nas oportunidades que lhes são oferecidas. Os interesses das mulheres agricultoras estão alinhados às suas necessidades e estas necessidades podem de fato fortalecer tais interesses para que reivindiquem por mais políticas públicas, mais valorização, mais conhecimento e isto pode ser um passo importante para seu processo de empoderamento, diante do desenvolvimento rural.

4.4 A IMPOSIÇÃO NAS DECISÕES DA PROPRIEDADE

Diante da trajetória destas mulheres do meio rural, se percebe ainda aspectos de submissão. Carneiro, Teixeira (1995) evidenciam que estes aspectos estão ligados aos seus contextos históricos, no seu dia a dia e até mesmo no processo de desenvolvimento rural. Para Bourdieu (2002), a dominação masculina, está para sua forma de imposição, ela aparece como uma violência disfarçada, invisível às próprias vítimas.

- *“Meu marido administra as rendas para todos os acontecimentos com os gastos [...] honestamente acredito que muitas mulheres ainda são subordinadas pelos seus companheiros. São impostas a fazer só o que lhes são permitido”.* (Marta).
- *“O principal responsável pela propriedade é meu marido”* (Sônia).

A trajetória das mulheres agricultoras, traz embutido em si processos complexos de aceitação de si mesmas e com isso a submissão. É importante delinear o processo de

desenvolvimento e empoderamento destas mulheres, compreendendo as relações de poder que estão atreladas em sua história de vida, em seu contexto e no seu cotidiano.

Como Brumer (2004) relata que no decorrer da história as mulheres agricultoras conquistaram inúmeros benefícios importantes e com estes benefícios hoje muitas delas hoje transcendem/ultrapassam o processo de submissão.

- *“Tomamos as decisões juntos, avaliando, avaliando o que é melhor para todos [...], nosso caixa é junto, combinamos como gastar, mas tenho autonomia se quiser algo. Possuo plano de aposentadoria”.* (Cora).
- *“As decisões são tomadas em conjunto (a dupla) [...] sou aposentada”* (Sônia).
- *“As decisões são tomadas em conjunto. Eu melhor, sempre estou na frente (Sara).*
- *“[...] eu preciso sempre dar a palavra final, falta empoderamento do meu esposo (Ingrid).*
- *“Decisões sempre em conjunto, somos uma equipe (Maria).*

Vimos neste núcleo que há uma mudança em relação ao espaço e aos papéis exercidos pelas mulheres do campo, porém, muito há por se conquistar para de fato alcançarem seu empoderamento. Brumer (2004) afirma que estas mudanças, mesmo que sejam poucas, favorecem para fomentar suas lutas por igualdade.

Percebe-se aqui que apesar das respostas trazidas pelas pesquisadas, que decidem em conjunto com seus esposos os destinos de suas propriedades, demonstra-se nas primeiras citações deste núcleo, que tais transformações ainda não se tornaram efetivas de fato. Para Staduto, Souza, Nascimento (2015), ainda se vê um número de mulheres do campo sem remuneração, onde ideologias tradicionais permanecem nos dias atuais.

4.5 A SUA IMPORTÂNCIA COMO MULHER E COMO AGRICULTORA

Como mencionado no referencial teórico, é importante aqui tratar a mulher agricultora, respeitando sua subjetividade e olhando-a em todos os seus aspectos. Para compreendermos sua subjetividade, se faz necessário analisar como ela se vê como mulher e como agricultora.

- *“Trabalho na profissão que gosto, sou feliz. Ser agricultora foi minha escolha, tenho maior orgulho”* (Maria).
- *“Meu papel é fundamental nos negócios. Tenho percepção e competência, gosto de exercer a atividade que é praticada no campo”* (Marta)
- *“Sou independente, me vejo como uma mulher sem grandes medos. Minha vida na agricultura é boa, faço meu horário, trabalho muito [...] não tenho medo de encarar os desafios. Ajudo as mulheres a se impor, a serem independentes, lugar de mulher é onde ela quer estar”* (Ingrid).
- *“A escolha foi minha ser agricultora. Era secretária em uma empresa [...], decidi ajudar a tocar a propriedade. Agricultora há 20 anos (Cora).*

Seus desejos, a compreensão de si mesmas, analisar sua importância como mulher, quebra um pouco os padrões culturais e históricos cristalizados na trajetória destas mulheres. Heredia, Cintrão (2006) enfatizam que mulheres agricultoras, pouco apareciam, carregavam também o fardo do preconceito. Suas lutas são recentes, conquistaram uma caminhada diante da história e há um longo caminho ainda a ser percorrido.

Diante destas afirmações, percebemos como vai se moldando a subjetividade destas mulheres. Sua relação com o contexto em que vivem, vai movimentando constantemente sua subjetividade, sendo necessário para o processo de empoderamento, bem como importante para o Desenvolvimento rural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que ainda há certos desafios no que tange o horizonte das mulheres agricultoras, diante do desenvolvimento rural. Um deles ainda é a permanência de ações tradicionais, onde muitas vezes o trabalho da mulher na lavoura é visto como uma extensão de seus afazeres domésticos.

A sua participação em conjunto nas decisões da propriedade, é um importante passo, porém, percebe-se ainda um certo desequilíbrio nas ações entre homens e mulheres na agricultura. A igualitária participação das mulheres no mundo do campo, depende de uma divisão justa de responsabilidades entre homens e mulheres, bem como a divisão de poder.

Há por certo, diversas barreiras a serem ultrapassadas, para que a mulher agricultora de fato alcance seu empoderamento. Percebe-se que elas conhecem muito bem suas necessidades e seus anseios e buscam de uma forma ou de outra, estarem implicadas no planejamento de ações tanto de suas propriedades, bem como as ações oferecidas pelo Município.

A sua participação nos encontros e suas reivindicações são importantes caminhos traçados em prol de transformações em relação às mulheres no contexto do desenvolvimento rural e no processo de seu empoderamento.

Compreende-se que através das dificuldades enfrentadas por estas mulheres agricultoras em relação ao aumento de trabalho, submissão, a não distribuição de suas rendas, é que podemos apreender que os verdadeiros avanços em relação ao se empoderamento, somente poderão ser alcançados se homens e mulheres do campo possam usufruir igualmente de qualidade de vida, dos recursos que todo este processo pode oferecer.

Analisando os núcleos de significação abordados, olhando com muito cuidado, damos conta de que as mulheres agricultoras estão inseridas em um meio complexo, com características próprias, mas que possuem inúmeras possibilidades de transcender.

Por isso, articulamos conceitos antropológicos dentro de toda metodologia, para melhor alcançarmos suas representações, compreender através das respostas destas mulheres quais representações de certa forma orientam sua vida cotidiana.

Dentro dos núcleos de significados, vimos em suas respostas que de certa forma, estas mulheres reconstróem uma representação social de mulher contemporânea, engajadas no desenvolvimento rural, onde buscam em suas atitudes uma maior autonomia, mesmo limitadas no contexto em que estão inseridas. Dentro deste conceito, podemos destacar a criatividade que lidam com seu dia a dia e a necessidade de sair da ociosidade, solicitando mais ações e cursos profissionalizantes e políticas públicas.

Não se poder afirmar aqui, que dentro da ordem de poder estas mulheres não o exercem. As respostas trazidas por elas, são de fato coerentes com este pensamento. Em determinadas situações há um bom processo de interação e cumplicidades entre o casal. É possível perceber em algumas respostas, que elas atribuem poder em algumas ações e conseguem ver o espaço em que vivem como seu também.

É interessante concluir que nos núcleos de significação, as mulheres poucas vezes se colocam como inferiores. Relatam sobre seus trabalhos, das divisões das tarefas e poucas vezes se colocam submissas. E mesmo quando relatam as diferenças, ou quando relatam submissão, em outro momento de suas falas, se colocam em uma posição que não dão sentido a subordinação ao homem.

Ficou claro que estas mulheres passam por um momento de ressignificação de suas representações sociais sobre si mesmas, diante deste processo de desenvolvimento rural. Fica claro também que isto precisa ser trabalhado afim de torná-las cientes de seus papeis e de sua importância para o desenvolvimento da agricultura.

Entende-se que as mulheres agricultoras de Rio do Sul avançaram diante das ações na agricultura, porém, necessitam e reivindicam mais ações e reconhecimento, direcionado às suas especificidades diante do seu trabalho no campo.

Para finalizar, apreende-se que as mulheres agricultoras estão direta ou diretamente ativas e presentes na agricultura Rio-sulense. Apresentam características de empoderamento, mas, ainda não efetivo de fato. Porém, expandem seu conhecimento, tornando-se agentes de

seus espaços, percebendo sua importância diante do desenvolvimento rural, recriando-se sempre.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. NAVARRO Z. (Orgs.) **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável.** Porto Alegre:UFRGS, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução de: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1949. Vol.1- Fatos e mitos. 309 p. Vol. 2- A experiência vivida. 500 p.

BOCK, Ana M. Bahia. GONÇALVES, M. Graça M. Gonçalves. FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 6- GONÇALVES, M. Graça M. **Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica**. p. 113-127. Cap. 7- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. **A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico**. p. 129-140.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002.

BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, vol.12, n.1, p.205-227, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2004000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 de março de 2019.

Conselho Nacional de Saúde (2012).**Resolução nº 466/2012 – Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.

Conselho Nacional de Saúde (2016).**Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF.

Conselho Federal de Psicologia (2005).**Código de Ética Profissional dos Psicólogos**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

Conselho Federal de Psicologia (2000).**Resolução no 016/2000 - Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.

CARNEIRO, M. J., TEIXEIRA, V. L. **Mulher rural nos discursos dos mediadores**. Revista Estudos, Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/71>. Acesso em: 14 de março de 2019.

COSTA, Vitor Hugo Loureiro Bruno; LANDIM, Ilana Camurça; BORSA, Juliane Callegaro. **Aspectos éticos das pesquisas em psicologia: vulnerabilidade versus proteção**. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 16-26, 2017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702017000200003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 22 mar. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. Resultado dos Dados Preliminares, 2017.

FAVARETO, A. da S. **A longa evolução da relação rural-urbano**. Revista do Centro de Estudos Rurais, São Paulo, v.1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/646>. Acesso em: 10 de março de 2019.

FERREIRA, R. **O texto Brasileiro sobre o rural**. Revista do Centro de Estudos Rurais – UNICAMP. Campinas, v. 2 n. 1, 2008, Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/665>. Acesso em: 08 de março de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997. Cap. 3- “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. p. 85 – 107.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC; c1963.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. A vida cotidiana. p. 17-41.

HEREDIA, B. M. A. de, CINTRÃO, R. P. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro**. Revista Nera. Presidente Prudente, Ano 9, n. 8, p. 1-28, 2006. Disponível em: <file:///D:/Textos%20002/Genero%20e%20acesso%20a%20politic%20públicas.PDF>. Acesso em 08 mar. 2019.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento Rural: conceito e medida**. Caderno de ciência e tecnologia, v. 21, n. 3, p. 379-408, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/8702-28948-1-PB.pdf>

KLUG, J., DIRKSEN, V. **Rio do Sul: uma história**. Rio do Sul: UFSC, 1999.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LEFEVRE F; LEFEVRE AMC. O sujeito coletivo que fala. Interface: comunicação, saúde e educação, v.10, n.20, p.517-24. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

MAIA, C. M., FILIPPI, E. E., RIEDL, M. **Território, ruralidade e desenvolvimento regional**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 191-202, 2009. Disponível em: <http://www.rbgdr.net/012009/ensaio2.pdf> Acesso em: 12 de março de 2019.

MAZZOTTI, Alda J. A.; GEWANDSZNAJDER. **O método nas ciências sociais e naturais: Pesquisa qualitativa e quantitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo. Editora: UNESP, 2000.

REY, Fernando Luis González. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

_____, **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural**. Tradução de: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. Cap. 4- **A subjetividade e seu significado atual na construção do pensamento psicológico**. p. 199-265.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre, Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> . Acesso em: 11 de março de 2019.

STADUTO, J. A. R. SOUZA, M. de, NASCIMENTO, C. A. do. **Desenvolvimento rural e gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

TREVISAN, Leonardo. CASTRO Maria da Conceição de Araújo (orgs.). **Transformações no trabalho**. São Paulo: Olho D'Água, 2002. Parte 1- Gropp, Beatrice M. C. – **A pesquisa etnográfica como apreensão do conhecimento tácito socialmente construído em locais de trabalho**. p. 41 – 51.

VEIGA, J. E. da. **O Desenvolvimento Agrícola: Uma Visão Histórica**. Revista GeoNordeste, São Paulo, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/4384/3635> .Acesso em: 14 de março de 2019.